

# O CURRÍCULO ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DOS SISTEMAS EXTERNOS DE AVALIAÇÃO

**<sup>1</sup>Patrícia Cristiane Ribeiro de Sá, Camila Monteiro Rodrigues, Sílvia Helena P. Púpio, Prof<sup>a</sup>. Msc. Maria Angélica Gomes Maia, Orientadora, <sup>2</sup>Prof. Dr. Ronaldo Alexandre de Oliveira, Co-Orientador.**

<sup>1</sup>Universidade do Vale do Paraíba/ISE, Rua Tertuliano Delphim Jr., 181. patriciarsa@bol.com.br

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Arte Visual, Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), km 380, Caixa Postal 6001. roliv1@uol.com.br

**Resumo** - Este artigo se propõe discutir e refletir sobre os instrumentos que têm sido utilizados pelos sistemas externos de avaliação, buscando identificar de que forma os resultados retornam para as respectivas escolas e como estes são utilizados como direcionadores das práticas pedagógicas em busca da qualidade do ensino. A pesquisa foi realizada a partir da disciplina Currículo na Educação Básica, do quinto período do Curso de Pedagogia (2007), da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP/São José dos Campos). A análise foi realizada a partir da observação direta da dinâmica curricular no espaço da escola, das entrevistas realizadas com professoras do Ciclo I do Ensino Fundamental e dos textos explicativos referentes a cada sistema de avaliação externa, a saber: Prova Brasil, Saresp e Sarem. Os resultados apontaram para a importância da prática avaliativa na Unidade Escolar, seja interna ou externa, porém tornou-se claro que a forma padronizada pelas quais as provas são elaboradas ainda impede a possibilidade dos resultados contribuírem de forma efetiva para a melhoria do currículo escolar e conseqüentemente da realidade educacional no país.

**Palavras-chave:** Currículo/Avaliação/Escola/ Professor/Sucesso Escolar

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas (Educação)

## 1. INTRODUÇÃO

As avaliações externas possuem grande destaque como uma das medidas da política pública para acompanhar a educação e contribuir para a sua qualidade, em nível nacional, estadual e municipal. No entanto, os resultados destes instrumentos, ainda têm sido apenas para mensurar o rendimento dos alunos e, conseqüentemente, a qualidade da educação.

As avaliações de sistema, permitindo comparar resultados e “levando a sério os objetivos da formação” acabam que por construir outro quadro de desigualdades, estimar de modo menos favorável a eficácia do sistema e neutralizar os efeitos do contexto local. As avaliações externas que permitem comparação se aterm aos dados mais fáceis de definir e medir. É mais rápido e mais barato aterem-se a provas escritas, reduzindo, desse modo, as aprendizagens escolares a aquisições cognitivas, dando prioridade as disciplinas principais e as operações técnicas, desconsiderando o contexto e a cultura educacional de cada região.

Na presente pesquisa para o embasamento teórico foram tidos como referência Pedra (1997), Freitas (2003), Perrenoud (2003), Sousa (2003), Paro (2000), entre outros de igual importância e relevância para a educação, que vão nos fornecer

princípios. Os variados conceitos atribuídos ao termo currículo são produções humanas, e, como

elementos e subsídios para o objetivo desta pesquisa.

Sendo assim, este artigo se propõe a discutir e refletir sobre o papel dos instrumentos dos sistemas de avaliação externa a fim de identificar de que forma os resultados retornam para as respectivas escolas e como estes são utilizados como direcionadores das práticas pedagógicas em busca da qualidade do ensino.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O currículo há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas e métodos. A organização do currículo é resultante das diversas relações guiadas por questões sociológicas, políticas, epistemológicas. Nesse sentido, Moreira e Silva (2000) consideram o currículo um artefato social e cultural, não um elemento transcendente e atemporal, ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

É importante ressaltar que ao termo currículo é atribuído vários conceitos. Conforme afirma Pedra (1997), há diferentes definições de currículo, uma vez que, é possível mais de um modo de entendê-lo, seja enquanto resultados, experiências ou

tais, carregam as marcas do tempo e dos espaços sociais de suas construções, pois informam sobre

a interpretação que determinado autor ou escola teórica lhe deu. Portanto, pode-se dizer que o currículo é um modo pelo qual a cultura é representada e (re) produzida no cotidiano das instituições escolares.

O termo currículo, de acordo com Pedra (1997), surge, na literatura educacional, no início do século XX, nos Estados Unidos, quando a industrialização toma impulso e a necessidade de mão-de-obra impõe-se de modo definitivo. O conhecimento foi transformado, ele mesmo, em uma indústria.

Nesse mesmo contexto histórico, a avaliação foi sendo instituída no meio escolar. Segundo Freitas (2003), o capitalismo, ditou o distanciamento da escola em relação à vida, em relação à prática social. Convencionou-se que certa quantidade de conhecimento devia ser dominada pelos alunos dentro de um determinado tempo. Pelo fato da vida ter ficado do lado de fora da escola, “os motivadores naturais” também ficaram, sendo a escola obrigada a desenvolver um sistema de avaliação com notas como forma de estimular a aprendizagem e de controlar o comportamento. Deste modo, a avaliação assume a forma de “mercadoria” com as características de dualidade existentes na sociedade capitalista: valor de uso e valor de troca, com predomínio do último sobre o primeiro. “Aprender para trocar por nota”.

Diante disso, a idéia de sucesso escolar, afirma Perrenoud (2003), é entendida hoje em dois sentidos: um associado ao desempenho dos alunos e outro, ao estabelecimento como um todo, que se relaciona a moda de “listas de classificação das escolas”.

Nesta mesma direção, como afirma Sousa (2003), é possível apreender algumas características que estão presentes nos procedimentos adotados nas iniciativas de avaliação: ênfase nos produtos ou resultados; atribuição de mérito tomando-se individualmente instituições ou alunos; dados de desempenho escalonados, resultando em classificação; uso de dados predominantemente quantitativos; destaque à avaliação externa, não articulada à auto-avaliação. De acordo com as características apontadas pela autora, a avaliação, pautada por tais características, expressa um estímulo à competição, que é refletido na forma de gestão e no currículo. O princípio é o de que a avaliação gera competição e a competição gera qualidade. Nesta perspectiva assume o Estado a função de estimular a produção dessa qualidade.

Outra questão relevante apontada por Perrenoud (2003), se refere ao significado dos índices habituais de sucesso escolar dos alunos que varia segundo o contexto. Uma mesma nota pode corresponder a competências diferentes, uma mesma competência pode ser avaliada de

formas diferentes, devido à comparação que é *local*. Destacando que, dentro de uma “cultura de avaliação” que exigem dados a todo custo, os protestos são rapidamente esquecidos, e os dados publicados sobrevivem e impressionam. Essas contradições levam mais ou menos clara e rapidamente a atenuar a independência relativa dos dois modos de avaliação, a avaliação feita pela escola e as avaliações externas.

Fortalecendo mecanismos discriminatórios, de acordo com Sousa (2003), os delineamentos adotados pelas iniciativas de avaliação, tendem a provocar impactos nos currículos escolares, no sentido de sua uniformização e enrijecimento. Uma vez que, é possível observar, no caso dos exames, seu potencial de condicionar os currículos e, desse modo, intensificar desigualdades escolares e sociais. Mas Sousa (2003) esclarece que, eventuais influências que a avaliação possa provocar no desenvolvimento do currículo devem-se a finalidades e contornos de que ela se revestir.

É o programa curricular, destaca Perrenoud (2003), que deve ditar as formas e as normas de excelência escolar que definem o sucesso. O projeto do sistema escolar encarna-se no seu currículo, conjunto de objetivos e de conteúdos de formação. Toma-se o currículo, nas palavras de Pedra (1997), como um meio para a consecução de objetivos previamente determinados. No entanto, há uma distância entre currículo prescrito e currículo real. A tomada de consciência dessa discrepância entre as intenções e o funcionamento efetivo do sistema educacional conduz periodicamente a um endurecimento das regras, as estratégias de “reciclagem” dos professores, a um aumento do controle burocrático e a uma cobrança de responsabilidades. A escola, ao prover educação, precisa tomá-la em todo seu significado humano, não em apenas algumas de suas dimensões. Por isso, frente ao que Perrenoud (2003) aborda, vê-se que o efeito dominante da padronização vai possivelmente concentrar as prioridades curriculares naquilo que parece facilmente mensurável e comparável no interior de um sistema educacional, ou entre sistemas: operações, memorização, formas verbais ao invés de raciocínio, imaginação ou argumentação. De acordo ainda com o autor, isso só vem contrabalançar a tendência a uma autonomia curricular mais acentuada dos estabelecimentos, esses favorecimentos das avaliações padronizadas podem favorecer uma regressão das finalidades da escola, retardando a evolução do currículo escolar.

Diante disso, a importância de se ter as avaliações externas de sistema como objeto de estudo se dá primeiro, pelo fato de que qualquer avaliação, ao identificar avanços ou retrocessos, determina a escolha das ações na continuação do percurso. Uma vez que, as avaliações externas

de sistema são iniciativas da política pública, faz-se necessário conhecê-las desde a sua elaboração até o retorno de seus resultados, para que se possa verificar sua validade.

### 3. MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa foi realizada em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos/SP, destinadas ao ensino fundamental. Sendo uma unidade, localizada na Zona Sul da cidade, cuja comunidade escolar é bem diversificada, atendendo desde crianças de baixa renda até crianças de classe média, perfazendo, aproximadamente, 840 alunos. E a outra unidade escolar situada na Zona Leste da cidade, atende aproximadamente, a 980 alunos, possuindo também uma comunidade escolar diversificada, uma vez que, atende a outros bairros que se caracterizam por uma renda mais baixa em relação ao bairro onde a escola se localiza.

A coleta de dados realizou-se por meio de observação direta durante o período de estágio, somado as entrevistas realizadas com dez professores que atuam de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, para as quais foi utilizado questionário semi – estruturado, sendo o foco da entrevista, a opinião dos professores em relação aos sistemas de avaliação externa e verificar de que forma os resultados orientam suas ações dos em sala de aula, o que tornou-se no material da pesquisa.

### 4. RESULTADOS

Dentre os dez questionários entregues às professoras, retornaram apenas 5 respondidos, sendo que, das 5 professoras restantes, 3 não responderam, por escrito, mas contribuíram com seus relatos.

Por meio da metodologia empregada, verificou-se que: as avaliações externas, para a maioria das professoras entrevistadas são importantes e contribuem, no sentido de orientar suas práticas em sala de aula, contudo não houve uma concordância, por parte das professoras em relação à efetiva contribuição das avaliações externas para a aprendizagem do aluno, considerando o atual quadro da educação brasileira.

### 5. DISCUSSÃO

A escola precisa ter presente à continuidade do processo de aprendizagem, levando em conta os diversos fatores que influenciam o desempenho do aluno, não somente os resultados constantes em uma “lista de classificação”. Quando perguntamos à professora **A** (1ª série) o que ela acha das avaliações externas, ela nos responde que:

“considera importante às avaliações externas para medir o desempenho das escolas e o rendimento dos alunos em nível nacional, pois os resultados apontam, de maneira geral, como anda a educação nesse país. Porém temos que lembrar que dificilmente chegará a uma conclusão exata sobre o desempenho do aluno com esses resultados”, devido a própria homogeneização das avaliações, que não consideram as questões pertinentes a cada lugar, a cada realidade escolar. Já para a professora **B** (4ª série), nos diz que as avaliações externas são importantes porque é um complemento que pode indicar caminhos mais adequados e mais satisfatórios para uma ação em curso.

Podemos perceber com estas respostas o quanto o professor ainda é cordado para com as formas que o próprio Estado coloca para mensurar o desempenho de seus alunos, mesmo as avaliações de sistemas sendo distante daquilo que realmente acontece em sala de aula, ele não consegue encarar de forma crítica este procedimento.

É sabido que o aluno só terá mais probabilidades de aplicar a sua aprendizagem quando reconhecer a semelhança entre as situações encontradas na vida e as situações em que ocorreu a aprendizagem. Desta forma, é necessário realizar uma análise constante dos fins e das exigências da sociedade e das forças que nela operam, com o objetivo de manter a educação orientada para a realidade. Nesse sentido, é o que a professora **C** (4ª série), procura fazer em sala de aula com os resultados, que seus alunos obtiveram no Saesp, discutindo com eles: os erros e acertos, para que possam trabalhar juntos em busca de melhorias.

Não temos dúvidas de que a avaliação deve ser encarada como um processo diagnóstico e contínuo, a favor da aprendizagem do aluno, pois é uma das práticas centrais da atividade educativa, indo de encontro à opinião da professora **B**, docente da 4ª série, ela nos diz que a avaliação deve ser feita de forma amigável, pacífica que venha de encontro com a idéia, de poder fornecer ao aluno, mais um momento de conhecimento, ressaltando ainda que o importante para o professor, é o aluno avançar na construção de seu saber.

Desta forma, quando o professor toma para si o momento da avaliação de forma processual, ele está construindo e nas palavras de Sacristán, modelando seu currículo, junto aqueles com os quais trabalha e faz educação.

Quando Perrenoud (2003) afirma que no quadro da luta contra as desigualdades e o fracasso escolar, é, pois necessário e urgente debater critérios de sucesso e sua relação com as estratégias mais promissoras. Segundo a professora **A**, regente da 1ª série, diz que os

resultados das avaliações são apresentados aos professores de uma maneira muito fragmentada, não tem uma continuidade e depois os resultados ficam expostos na sala dos professores, e quando os resultados não são bons, as cobranças por parte da direção, por resultados positivos são incessantes, mas não há apoio e acompanhamento por parte da equipe, cada professor tem que melhorar a qualquer custo, deixando, muitas vezes, outros conteúdos de lado para priorizar as questões dos sistemas de avaliações.

Na mesma linha de raciocínio, a professora **D** (regente da 4ª série), diz que existem falhas nos momentos das horas de trabalho coletivo, pois é destinado pouco tempo para a troca de experiências entre os professores. Estes dados advindos das falas destas professoras nos mostram o quanto as questões administrativas, os protocolos, importam mais do que a real situação de aprendizagem dos alunos. Ainda, de acordo com Paro (2000) a escola pública tem baixa qualidade, antes de tudo e principalmente, porque não fornece o mínimo necessário para a criança e o adolescente se construírem como seres humanos.

Ao ser questionada de que forma os resultados das avaliações de sistema interferem em seu planejamento, a professora **A**, docente da 1ª série, diz “o que é cobrado nas provas é o que eu tenho que cobrar dos alunos, nas atividades em sala de aula”, segundo Perrenoud (2003) esse favorecimento das avaliações padronizadas podem favorecer uma regressão das finalidades da escola, retardando a evolução do currículo escolar. Já para a professora **C**, docente da 4ª série, as avaliações de sistema vêm para se somar positivamente ao trabalho do professor, realizado em sala de aula.

Sendo a cobrança pública incessante por resultados positivos visando recompensas, seja para o estado ou para a escola, o processo de aprendizagem acaba que por ser prejudicado, pois o trabalho do professor limita-se a gerar tais resultados de qualquer forma.

Se a avaliação é uma prática em prol do aluno, estes mecanismos de mensuração não propiciam formas efetivas para que estes dados voltem para aqueles que mais precisam deles, que são: os professores e os alunos.

## 6. CONCLUSÃO

Por meio dos objetivos propostos, dos resultados obtidos, da observação realizada durante o estágio em sala de aula e entrevista com as professoras pode-se concluir que ainda há um distanciamento entre o desempenho dos alunos nas avaliações externas e o desempenho nas avaliações internas. As avaliações de sistema

ainda não estão articuladas à auto-avaliação, considerando que as avaliações feitas pela escola são constituídas em função dos contextos locais, levando em conta o que, realmente, foi ensinado. Já as avaliações externas, têm como base para sua elaboração, o currículo formal, concentrando as prioridades naquilo que parece facilmente comparável, operações, memorização e formas verbais. Não há uma concordância entre as intenções e o funcionamento efetivo do sistema educacional, o que pode conduzir ao quadro da baixa qualidade de ensino das escolas públicas, pois as cobranças por resultados positivos podem avivar as tensões interferindo nas ações do professor em sala de aula.

## 7. REFERÊNCIAS

- FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclos, seriação e avaliação: confrontos de lógicas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- MOREIRA, Antonio Flávio e Tomaz Tadeu da Silva (orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PARO, Vitor Henrique. *Qualidade do ensino: a contribuição dos pais*. São Paulo: Xamã, 2000.
- PEDRA, José Alberto. *Currículo, Conhecimento e suas Representações*. Campinas: Papirus, 1997.
- PERRENOUD, Philippe. *Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo!* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a01.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2007.
- SOUSA, Sandra M. Zákia L. *Possíveis impactos das políticas de avaliação no currículo escolar*. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 fev. 2007.